

Paróquia de Alfragide

N.º 4 | Páscoa de 2024



O Tríduo Pascal

O espaço de tempo que vai da tarde da quinta-feira santa ao domingo de Páscoa constitui o chamado “tríduo do Senhor crucificado, sepultado e ressuscitado”, também conhecido por “Tríduo Pascal”, porque nele se torna presente e se realiza o mistério da Páscoa, isto é, a passagem do Senhor deste mundo para o Pai. Com a celebração deste mistério, a Igreja, por meio de sinais litúrgicos e sacramentais, associa-se em íntima comunhão com Cristo.

A celebração vespertina da quinta-feira santa tem como tema central a instituição da eucaristia, do sacerdócio ministerial ao gesto de Jesus que lava os pés aos seus discípulos, qual inteiro sinal de amor e de serviço aos irmãos. Esta liturgia orienta os fiéis para a consumação do mistério pascal. Segue-se à eucaristia o tempo da adoração do Santíssimo Sacramento, de modo a favorecer a meditação silenciosa.

A celebração da sexta-feira santa está estruturada essencialmente por três momentos: a liturgia da Palavra, a veneração da Cruz e a Comunhão. Todos estes momentos têm em vista permitir que os fiéis entrem mais profundamente na meditação e na participação do mistério pascal de Cristo. A liturgia do sábado santo é marcada por um grande silêncio, porque, como diz uma antiga homilia do sábado santo: “o Rei está dormindo. A terra está silenciosa porque o Deus feito carne adormeceu e despertou aqueles que dormem há séculos”. É a celebração silenciosa do tempo suspenso, do descanso, mas não do não fazer nada. É um dia para ser vivido na oração e no jejum, na esperança da Ressurreição do Senhor.

No culminar do Tríduo está a Vigília da Noite Santa de sábado. A Vigília celebra a inteira história da salvação, que culmina com a celebração da morte e da ressurreição de Jesus. Esta é a mais intensa celebração do mistério pascal na sua totalidade. O facto de se velar de noite significa que na noite desta vida esperamos o alvorecer da ressurreição e o regresso de Cristo, que já nos alumia na fé com a celebração da luz. A própria proclamação da Palavra lembra, através das várias leituras, a inteira história da salvação. Com a celebração batismal e a renovação das promessas batismais relembremos a participação no mistério da morte e ressurreição do Senhor. Tudo vem a culminar na Eucaristia, sacramento, por excelência, da Páscoa que adquire, nesta noite, um significado e uma intensidade ainda maiores.

Esta é a noite
Em que a coluna de fogo dissipou as trevas do pecado

Esta é a noite
Que liberta aqueles que hoje por toda a terra creem em Cristo
Das trevas do pecado e da corrupção do mundo
Noite que os restitui à graça e os reúne na comunhão dos Santos

Esta é a noite
Em que Cristo, quebrando as cadeias da morte
Se levanta glorioso do túmulo

De nada nos serviria ter nascido
Se não tivéssemos sido resgatados
Oh, admirável condescendência da vossa graça!
Oh, incomparável predileção do vosso amor!



(excerto do Exulte, Precónio Pascal)

A Páscoa

Na origem da páscoa cristã está aquela de tradição judaica, que por sua vez acolhe outras duas tradições. Se tomarmos o capítulo 12 do Livro do Êxodo deparamo-nos com a referência a duas páscoas distintas na sua origem e que, numa determinada altura, se fundem numa só celebração: uma de rito noturno e que era celebrada em volta do cordeiro (em hebraico *pesah*) e outra relativa à festa dos (pães) ázimos (em hebraico *massot*).

Em memória das ações salvíficas de Deus no Antigo Testamento, celebrava-se a festa *pesah* ou do cordeiro, em que se recordava a noite da libertação do povo de Deus da terra do Egito. O rito do cordeiro terá tido uma origem pastoril a partir dos povos nómadas e *pesah* indicava a dança sagrada realizada durante a celebração. Posteriormente, ligando-se ao acontecimento da libertação do povo de Deus da escravidão do Egito para a terra prometida (êxodo), passa a significar o facto de Deus ter “passado adiante” das casas dos filhos de Israel, não as destruindo.

O rito dos ázimos ou *massot*, de origem agrícola, refere-se a uma fase posterior do povo, a fase sedentária. O seu significado original seria a celebração solene do início da sementeira.

Como *pesah* e *massot* eram festas celebradas na mesma época e porque se referiam ao mesmo acontecimento histórico de salvação do povo de Deus passaram a ser celebradas conjuntamente num único rito, no primeiro mês da Primavera. Nesta celebração as tribos de Israel, antes dispersas, unificam-se e adquirem uma identidade. Na celebração anual da páscoa, cada israelita sente-se contemporâneo dos grandes acontecimentos históricos que levaram à formação da identidade do povo da Aliança. A páscoa, porém, não é só atualização do passado, mas exprime igualmente uma esperança fundada sobre as experiências libertadoras da história. Para o povo judeu, a páscoa é também considerada a noite em que virá o Messias.

A novidade do Cristianismo consiste precisamente em indicar Jesus como a nova páscoa - a “nossa páscoa” -, alcançada pela sua morte e ressurreição. É Nele que a humanidade é libertada de toda a escravidão do pecado e toma parte numa nova aliança. A eucaristia é de tudo isto memória sacramental onde tomamos parte sempre que comemos do Seu Corpo e bebemos do seu Sangue.

A Divina Misericórdia

A Festa da Divina Misericórdia enaltece o culto declarado por São João Paulo II a 30 de abril do ano 2000. Este culto foi instituído com a canonização da Irmã Faustina Kowalska, secretária e testemunha da Divina Misericórdia, e celebra-se no domingo seguinte à Páscoa, designado como “Domingo da Divina Misericórdia”.

O mistério de Deus «Pai das misericórdias» (2 Cor 1, 3) revelado por Cristo torna-se, no contexto das hodiernas ameaças contra o homem, como que um singular apelo dirigido à Igreja.

A revelação e a fé ensinam-nos, efetivamente, não tanto a meditar de modo abstrato sobre o mistério de Deus, «Pai das misericórdias», quanto a recorrer a esta mesma misericórdia em nome de Cristo e em união com Ele.

Para saber mais sobre esta devoção, consulte o tríptico da paróquia. Neste subsídio, encontra um pouco da história da Irmã Faustina, particularidades do culto da Divina Misericórdia e instruções para a oração do terço.



Mensagem do Pároco

Caríssimos paroquianos e amigos,

Estamos já muito próximos da páscoa, a maior solenidade dos cristãos. Nela celebramos a paixão, morte e ressurreição de Jesus. Estes momentos da páscoa de Jesus são inseparáveis, contudo, não são simples acontecimentos ocorridos no passado. Este anúncio de Cristo vivo para lá da morte, além de continuar a ressoar na história ao longo dos séculos, é também realidade para nós batizados.

São Paulo, na Primeira Carta aos Coríntios, diz mesmo que “Cristo” é “a nossa Páscoa” (1 Cor 5,7). Tudo o que se diz, portanto, da páscoa de Cristo também se aplica a todos nós cristãos. Se em Cristo padecemos e morremos, então também com Ele temos parte na sua vida e na vida de tantos irmãos nossos que com Ele se configuram. A ressurreição de Cristo é, então, um facto sempre atual. Por esta razão preparamo-nos para celebrar com viva fé e esperança a páscoa que se aproxima. Diante dos nossos padecimentos e da morte de tantos irmãos nossos acreditamos sempre na ressurreição e na vida eterna.

Deixemo-nos animar por esta fé pascal e exerçamos este ofício de consolação diante daqueles irmãos e irmãs nossos que estão a viver momentos difíceis, de sofrimento, de angústia, de falta de esperança, de tristeza pela perda dos seus amigos e familiares próximos.

A todos vós e às vossas famílias desejo uma santa e feliz páscoa em Jesus Cristo, Senhor da verdadeira vida.

Pe. Paulo Coelho, scj